

GRAFEMAS x LETRAS

Luiz Carlos Cagliari (2015)

Copiando Shakespeare, nomes são nomes e rótulos são rótulos. Porém, copiando Aristóteles, os nomes indicam as essências dos seres.

1. O termo "grafema" aparece no Curso de Linguística Geral de Saussure (1916) com o significado de unidade do sistema de escrita, ao lado da redefinição do termo "fonema" com o significado de unidade do sistema da linguagem oral. Saussure não desenvolveu esse assunto. O Círculo Linguístico de Praga começou a definir a nova ideia de fonologia proposta por Saussure. Louis Hjelmslev usou as ideias de Praga para apresentar uma teoria dos sistemas de escrita, à semelhança da teoria fonológica da fala. Trubetzkoy foi quem melhor apresentou a fonologia, no começo. Kenneth Lee Pike (1945) achava que havia um sistema de escrita possível, que fosse a materialização do sistema fonológico das línguas. Ele mudou o nome de *Phonology* para *Phonemics* e acrescentou ao título do livro: *A technique for reducing languages to writing*. Ele acreditava mesmo nessa ideia.

2. Pike diz: "Phoneme... ; a contrastive sound unit (every sound segment is a separate phoneme unless it is a submember of some more inclusive phonemic unit..." (PIKE, 1945, p. 245). Para ele, um "phonemic alphabet: same as phonemic transcription..." (p. 245) Phonemic Transcription: An orthographic representation of speech which has a one-to-one correspondence between sound units and symbols, with one symbol to each phoneme and one phoneme to each symbols" (PIKE, 1945, p. 246). A partir da página 208 (até 226), há um capítulo intitulado: "Chapter 16 The Formation of Practical Alphabets".

3. Para Pike, uma ortografia deveria ser um "phonemic alphabet". Ele até mostra como algumas escritas inglesas ficariam modificadas com uma reforma ortográfica. A tradição americana do SIL criou sistemas de escrita para muitas línguas ágrafas. Os resultados foram entre desastrosos a indesejáveis. Bons exemplos podem ser encontrados nos sistemas de escrita propostos para as línguas indígenas brasileiras. O excesso de diacríticos e as generalizações fonêmicas que exigiam os conhecimentos de processos fonológicos complicados podem ilustrar essa afirmação. Pike confundiu ortografia com transcrição fonológica, baseando-se numa falsa noção de transcrição fonética, eliminando os problemas de variação dialetal. Aliás, a esse propósito, segundo a teoria de Pike, cada variante da língua (dialeto) teria um sistema fonêmico próprio, porque a soma de dialetos geraria problemas de contradição na análise. Ele não disse se, criando um sistema fonêmico para cada variante, haveria também um sistema ortográfico diferente para cada dialeto.

4. Nem Saussure, nem Hjelmslev, nem Pike procuraram estudar a fundo os sistemas de escrita, a natureza, as funções e os usos dos sistemas ortográficos. Incluindo muitos dos seus seguidores, a ideia segundo a qual a ortografia só existe nos sistemas alfabéticos, não nos sistemas ideográficos (ou mesmo silábicos) mostra até que ponto vai a ignorância inicial ao tratar do assunto. Não é possível ter um sistema de escrita sem uma ortografia, porque a variação (que a ortografia controla) seria desastrosa, e o sistema ficaria à mercê de cada usuário. – "eu falo assim, escrevo assim". "eu escrevo assim e os outros tratem de entender o que eu fiz"...

5. O alfabeto não impõe regras de uso linguístico, somente de formas de escrita. O alfabeto apenas permite a leitura, relacionando letras com sons. Mas não define que som uma letra

precisa ter, nem que letra deverá representar um determinado som. A relação entre fala e escrita e entre escrita e fala não é um caminho de mão única: vai e vem; mas caminhos diferentes. Um caminho de mão única, que trata da relação entre escrita e fala, é um sistema de transcrição fonética, com o alfabeto da Associação Internacional de Fonética (IPA). Nenhum sistema ortográfico suportaria ser um sistema de transcrição fonética, pela falta de univocidade na relação letra / som.

6. Um fonema é uma unidade abstrata, fruto de uma generalização criada pelo sistema sonora da língua. Por exemplo, não dizemos que o português tem um fonema */tʃ/, embora as pessoas digam [tʃia], [pɔtʃi], etc. Por causa do processo de palatalização, abstraímos os casos variantes e estabelecemos um único fonema /t/ (que se realiza como [tʃ] diante de /i/ ou de [i, i]). Há inúmeros modos de pronunciar o que escrevemos com R e com RR, mas temos apenas dois fonemas no sistema do português: /h/ e /r/. Se uma pessoa fala [pɔɾta] (dialeto caipira) ou [pɔrta] (dialeto paulista) ou [pɔxta] (dialeto carioca) ou [pɔhta] (dialeto mineiro) ou [pɔrta] (dialeto gaúcho), a variação é neutralizada no fonema /h/. Essa ideia fascinou os estudiosos da ortografia, levando-os a grandes arroubos na defesa de uma reforma ortográfica. É a ideia de Pike em ação.

7. O sistema fonológico tem um inventário de fonemas e regras que indicam como cada fonema é pronunciado em função de todos os falantes de uma determinada língua. De certo modo, uma transcrição fonológica possibilita a realização fonética de todos os sons usados por todos os falantes. Esse é uma das ideias mais importantes de qualquer sistema de escrita, razão pela qual os sistemas de escrita criam uma ortografia. Por um lado preserva a escrita como referência cultural e por outro possibilita a leitura em todas as variedades faladas da língua. Pensando assim, um grafema seria igual a um fonema, porém, sistematizando a escrita.

8. Podemos construir um sistema fonológico que abrange toda uma língua, porque as regras de adequação fonética interpretarão os processos fonológicos e o sistema da língua ficaria claramente definido do ponto de vista dos elementos sonoros do signo linguístico. Com relação à escrita alfabética, temos um alfabeto, com letras diferentes, que poderiam ser um sistema semelhante ao fonológico. O problema aparece na adequação fonética. O sistema fonológico tem as regras derivadas dos processos fonológicos: diante de /i/ o fonema /t/ se pronuncia [tʃ] para os falantes das variedades X e se pronuncia como [t] para os demais falantes, ou seja, para os falantes das variedades Y. Isso explica muito bem como o sistema sonoro da língua funciona. Mas, o objetivo da fonologia é explicar e não ser apenas um sistema de leitura fácil, não se parte da representação dos fonemas para os sons da fala com facilidade; é preciso incluir nesse processo todas as regras de adequação fonética, para todos os falantes.

9. Basta ver algumas transcrições fonológicas com os resultados fonéticos a que alguns falantes precisam chegar:

/majS/ = [mais], [maiʃ] (*mais*)

/maLS/ = [maʊs], [maʊʃ] (*maus*)

- Há dois tipos de "A" um anterior e outro posterior. (o [a] anterior fica [ɑ] posterior quando ocorre diante de [ʊ]).

- No dialeto paulista (e em outros) o som [j] só ocorre em posição de onset, mas no dialeto carioca (e em outros), além de ocorrer na posição de onset, ocorre também na posição de coda.

/aʃamuS/ = [aʃẽmus]... Alguém poderia ler [aʃemu]? e /aʃaraN/ = [aʃarẽõ]... poderia ser lido [aʃarõ]? Se algum falante pronuncia essas palavras desse modo, todas as leituras estariam certas, para os falantes certos.

9. Num processo de leitura, o sistema fonológico exigiria do leitor o mesmo esforço que um sistema de grafemas, como cada letra possibilitando a leitura, dependendo do esforço do leitor: escrever MAJS e MALS seria equivalente a escrever MAIS e MAUS. Nesse sentido, Pike tem razão: porque não usar logo o sistema fonológico para a escrita "ortográfica"?

10. Vamos partir da fala para a escrita. Para se chegar a uma transcrição fonológica, toda a língua precisa ser estudada em todos os seus aspectos sonoros segmentais para que se possa estabelecer o sistema. Portanto, a não ser que uma pessoa seja um fonólogo, ela não vai conseguir definir o sistema fonológico e, conseqüentemente, escrever a transcrição fonológica. Obviamente, alguém pode achar que um fonólogo faz a transcrição fonológica e os demais usuários da língua apenas decoram e memorizam como cada palavra deve ser representada na escrita. Isso transforma o sistema alfabético em um sistema ideográfico puro.

11. O resultado a que chegou Pike é uma subparte de uma tabela de símbolos que tanto podem ser usados para representar os fonemas como os alofones. Nem precisava tanto. Podia usar a tabela do IPA que é usada para as mesmas finalidades. O problema da representação ortográfica não está nos símbolos possíveis transformados em letras, mas no processo de representação. Não há ortografia sem a neutralização das variações dialetais da língua. Ao alcançar esse objetivo, a análise fonêmica de Pike fica sem sentido como metodologia para a escrita ortográfica. Um fonema agrega um ou mais alofones. Quando agrega mais de um, o símbolo do fonema tem uma relação unívoca, como acontece nas transcrições fonéticas. Quando agrega mais de um alofone, o símbolo do fonema é "ambíguo", depende de regras de implementação fonética. Ao fazer isso, o fonema, de certo modo, "neutraliza" a variação alofônica. Se isso fosse transportado para a escrita ortográfica, ficaria muito difícil a decifração em alguns casos. Só falantes nativos, vendo a escrita fonêmica, poderiam dizer qual a pronúncia da língua. Uma palavra como "elétrico" e "eletricidade" teriam uma transcrição fonêmica /elɛtriku/ /eletrisidadi/ ou /elɛtrikidadi/? /bɛlu/ /beleza/ ou /beleza/? A transcrição fonêmica só ajuda quando funciona, de fato, nos casos em que se pode atribuir uma transcrição fonética na relação entre fonema e som: /patu/ [patu/, /batu/ [batu], /mata/ [mata]. Nos demais casos, seria pior do que a representação ortográfica tradicional.

A única tentativa que eu conheço de propor um sistema fonêmico para a escrita socializada de uma língua foi a de Nina Catach para o francês, a partir de sugestões de Claire Blanche Banveniste. Catach fez várias "acomodações" que sempre se mostraram complicadas. No fim, partiu para uma visão diferente da leitura, não importando o tipo de escrita, como se o processo de leitura fosse sempre de natureza ideográfica, o que transformava a escrita num sistema ideográfico. As letras seriam apenas sugestões e auxílios secundários de leitura.

12. As razões pelas quais não se pode ter a transcrição fonêmica como ortografia, nem criar um sistema de grafemas, à moda dos fonemas, estão no próprio processo de escrita das palavras ortograficamente constituídas, na própria definição do que seja uma ortografia, de como funcionam os sistemas de escrita. Procurar uma relação unívoca letra som, como algumas pessoas interpretam o alfabeto e procuram sempre fazer reformas ortográficas para chegar a esse estado de coisas, é uma falácia e uma ignorância. As pessoas que acham que a letra A tem sempre o som de [a] desconhecem como os falantes de português pronunciam sua língua:

- [mais], [mɑus], [aʃemu], [aʃarõ], [lɛpida], [hapais], [mijnamiga]...
MAIS, MAUS, ACHAMOS, ACHARAM, LÂMPADA, RAPAÇ, MINHA AMIGA...

13. O único jeito de manter o "princípio alfabético" é acabando com a variação linguística, e decretando que todo cidadão só pode falar e escrever de um único modo. O princípio

alfabético foi uma boa ideia inicial, mas nunca foi posto em prática como tal, a não ser com o advento dos sistemas de transcrição fonética e, mesmo assim, com ressalvas.

14. O alfabeto é um conjunto de símbolos de um sistema fonográfico de escrita. Como tal, é um sistema que parte da representação de sons associados aos caracteres (letras) para descobrir que palavra está escrita. Feita essa descoberta, são feitos os ajustes de pronúncia e o leitor pode dizer o que decifrou revelando seu dialeto ou usando outro qualquer que ele conheça e queira usar. Vê-se, portanto, que o objetivo da escrita é permitir a leitura e não fazer uma relação definitiva entre letras e sons. Quem faz isso é a descoberta da palavra escrita. A palavra e não as letras é a unidade mais importante do sistema de escrita alfabético-ortográfico que usamos.

15. Portanto escrever ortograficamente não usa exatamente as mesmas estratégias e habilidades que são usadas na decifração da escrita alfabética-ortográfica. Esse conhecimento implica em muitas atitudes pedagógicas importantes no processo de alfabetização. Um caso importante, por exemplo, é mostrar os dois caminhos: um que parte da letra (por exemplo A) e mostra como se leem palavras (CASA, CANTO, RAPAZ, ACHARAM, ENCONTRAMOS...), dependendo do dialeto do leitor; e outro que parte da fala das pessoas para chegar à representação ortográfica. Este segundo caminho exige muita memorização, porque o aluno pode falar de um jeito e escrever de modo diferente de como fala, do ponto de vista das relações entre sons e letras. Ao neutralizar a variação linguística na ortografia, a escrita exige dos usuários uma memória de como as palavras precisam ser escritas, e não de uma relação entre sons e letras, baseada no princípio alfabético.

16. Essas considerações mostram que a teoria da psicogênese da língua escrita está baseada em equívocos muito sérios e perniciosos, quando usada como metodologia de alfabetização. Outras teorias também comuns no processo de alfabetização, como as teorias do Ba Be Bi Bo Bu (cartilhas), os métodos fônicos e as teorias de natureza fonética são teorias baseadas em falsas afirmações sobre a escrita ortográfica e a linguagem oral. Os rótulos não são apenas rótulos, mas escondem teorias subjacentes. No caso do nosso sistema de escrita, o melhor é ficar com os termos LETRA e SOM, e abolir termos como GRAFEMA, CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA, etc. Por outro lado, dentro de uma perspectiva moderna, da linguística cognitiva, pode-se explicar como a ortografia funciona no papel e na mente das pessoas, dentro de um quadro mais geral de como um sistema de escrita funciona, comparado ou não com os sistemas fonológicos.

17. A noção de grafema criou a ideia de "consciência fonológica". Na prática, isso significa que uma pessoa consegue associar uma letra a um som e vice-versa. Ou seja, trata a escrita ortográfica como se fosse uma transcrição fonética. A consciência fonológica também é usada para avaliação de defeitos de fala. Uma pessoa que escreve *faca* em vez de *vaca*, *polo* em vez de *bolo* tem um déficit de sonoridade. Uma pessoa que escreve *compraro* tem um déficit de atenção, porque a professora ditou [kõum'prarẽõ]. É também um problema de discriminação auditiva. A escrita *compraro* está mais próxima de [kõum'parẽõ] (cf. [kũprarõ]) do que a escrita *compraram*. Consciência de quê? As pessoas não fazem a mínima ideia do que fazem, usando essa expressão. O falante nativo tem consciência de como se fala sua língua. Se alguém disser *zolo* em vez de *bolo*, ele sabe que está errado. Se alguém diz *pôlu*, em vez de *bôlu*, ele sabe que, às vezes, pronunciamos as palavras e, principalmente, os finais de palavra diante de pausa, sussurrando. Ora, o sussurro é um modo "surdo" de falar, não um modo errado.

18. Um professor ou um pesquisador precisa levar em conta não apenas o processo de escrita, porque o essencial é o processo de leitura. Na verdade, nem é preciso ensinar a escrever, é decorrente do fato de a pessoa saber ler. Não basta ver o resultado de como um aluno escreve

em um ditado ou por si. É preciso verificar como lê o que escreveu, como ele fala consigo para achar os sons e as letras das palavras. Não se podem fazer hipóteses sobre os erros dos alfabetizando apenas vendo o resultado de escritas. É preciso ir além. Não é porque o aluno ouviu a pronúncia do professor que a palavra é assim para ele. Ele pode interpretar o que ouviu o professor falar como falante nativo que ouve todos os dialetos, mas fala no seu próprio. As diferenças fonéticas também fazem parte de sua experiência como falante. Se não houver explicações bem claras sobre a fala, a escrita e, principalmente, sobre a ortografia, os alunos podem inventar soluções e errarem.

19. A escola só sabe alfabetizar pelo método das cartilhas ou deixando as crianças descobrir como se faz para ler e para escrever, sem dar as devidas explicações. Um método científico de alfabetizar precisa ensinar pelo menos os cerca de trinta conhecimentos básicos para se passar da escrita para a fala, ou seja, para que alguém consiga ler. Trata-se de um processo complexo. Mas há algumas estratégias. Durante trinta anos ensinei uma metodologia alternativa, que foi bem recebida no começo (década de 80) e depois foi atropelada pelo construtivismo. Além de dezenas de palestras, escrevi muitos artigos e livros, inclusive um de metodologia (Alfabetizando sem o BA BE BI BO BU). O que falta nas teorias e metodologias da alfabetização são os conhecimentos científicos. O construtivismo psicogenético tem problemas sérios com relação à linguagem, os métodos fônicos partem de premissas equivocadas, as cartilhas precisam de professores muito bem formados, que vão além do material apresentado.

20. Obviamente, os problemas de alfabetização não começaram com a ideia de grafema e de consciência fonológica, mas, certamente, ficaram num beco sem saída com essa teoria. A psicogênese da língua escrita nasceu de um estudo sobre dados obtidos por alunos que se alfabetizavam pelo método das cartilhas. Quando se tornou um método de alfabetização, levou o processo para um beco sem saída: nem a teoria nem a prática se sustentam. E a escola fica como barata tonta, esperando que os alunos aprendam por si mesmo.